

Os gêneros discursivos / textuais e o ensino de língua materna na Educação de Jovens e Adultos da Rede Estadual de Teixeira de Freitas, BA

Tiago Pereira Aguiar Susmickat¹ - UNEB/UESC

Resumo

O objetivo desta comunicação é apresentar os resultados de um estudo monográfico, realizado na Especialização em Educação de Jovens e Adultos, oferecida pela Universidade do Estado da Bahia. Este estudo tem como objetivo investigar quais são os gêneros discursivos/textuais escolhidos pelos educadores para o trabalho envolvendo leitura e produção textual no Tempo Formativo III – Eixo VI, da Educação de Jovens e Adultos, no município de Teixeira de Freitas, Bahia, observando quais são os critérios utilizados por estes na seleção e quais os objetivos elencados para o estudo dos gêneros do discurso no ensino de língua materna. Buscou-se analisar quais as concepções de linguagem, língua e gêneros do discurso que subjazem ao trabalho dos educadores pesquisados. Para tanto, o estudo se sustentou em trabalhos realizados por Bazerman (2006); Bronckart (1999); Marcuschi (2002; 2005); Schneuwly e Dolz (2004); Rodrigues (2005), e, sobretudo, a partir dos conceitos sobre linguagem, língua e gêneros do discurso apresentados por Bakhtin (1997; 2003 e 2011). A pesquisa, de ordem qualitativa, utilizou como instrumento a entrevista semiestruturada. A análise sinalizou que os educadores da EJA concebem linguagem, língua e gênero do discurso como manifestações históricas, ligadas à vida cultural e social, compreendendo os gêneros discursivos como formas linguísticas padronizadas, constituídas pela ligação com as situações sociais de interação. Foi possível identificar que os educadores levam em consideração as necessidades sociais dos educandos para selecionar os gêneros para o trabalho com a língua materna e que os objetivos propostos estão relacionados com o desenvolvimento das capacidades comunicativas dos educandos.

Palavras-chave: gêneros do discurso, educação de jovens e adultos, ensino de língua materna, planejamento docente.

1 Introdução

Desde o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (PCN) é possível notar um movimento, ainda que moroso, no sentido de se repensar a maneira como vem sendo desenvolvida o ensino de língua materna nas escolas em todo o país. Embora os PCN não inaugurem o debate em torno da questão, é a partir das diretrizes previstas nos referidos documentos oficiais que se pode sinalizar a existência de uma pretensão persistente, sobretudo, no cotidiano dos espaços escolares, em direção a uma atitude reflexiva no que tange ao ensino de língua materna, à luz de novas teorias sobre a linguagem e sobre ensino e aprendizagem dos gêneros discursivos/textuais.

No cenário circunscrito pelas orientações curriculares advindas dos PCN, visualiza-se, claramente, a indicação dos gêneros discursivos como objeto de ensino de língua, destacando de modo explícito a importância de considerar as características destes, tanto no trabalho envolvendo leitura, quanto na produção e análise textuais. Nesse percurso, para o trabalho

com a língua materna são estabelecidas nitidamente metas e prioridades para o ensino, de modo a formar sujeitos capazes de “posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas” e, dentre outras competências, “utilizar as diferentes linguagens [...] como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação [...]” (BRASIL, 2001, p. 7-8).

Em conformidade com a perspectiva apresentada, reconhece-se a relevância do trabalho com os gêneros discursivos, compreendidos como ferramentas fundamentais para alcançar os objetivos previstos nos documentos oficiais para o ensino de língua, constituindo, pois, numa alternativa ímpar ao trabalho com a língua e a linguagem, em suas dimensões reais, ou seja, com os seus respectivos contextos vivos de uso da língua e da linguagem, marcados pelas influências do contexto social, pela ideologia dominante e, conseqüentemente, pelas experiências dos sujeitos.

Acredita-se que trabalho com a diversidade de gêneros veiculados nas esferas sociais na contemporaneidade constituem-se como interessante ferramenta para o ensino e a aprendizagem da língua materna, sobretudo na Educação de Jovens e Adultos, uma vez que ao explorarem aspectos sociais, dialogam com situações do contexto social no qual estão inseridos os educandos. Ao aludirem às questões sociais reais, os gêneros podem se constituir em instrumentos promotores de reflexões diversas, além de instrumentos relevantes à formação crítica dos educandos, capazes de mediá-los à aquisição de uma nova visão sobre a sua existência enquanto sujeitos usuários da língua e da linguagem; seres constitutivos de vários discursos.

Pensando nessas considerações, o presente trabalho, pautando-se principalmente nos postulados bakhtinianos acerca das concepções de linguagem, língua e gêneros do discurso, buscou analisar quais são os gêneros do discurso escolhidos pelos educadores para o ensino de língua materna na modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos (EJA), assim como quais os critérios levados em conta no momento da seleção dos gêneros e quais os objetivos elencados para o trabalho com os mesmos. O estudo deteve-se, ainda, em analisar as concepções de linguagem, língua e gêneros do discurso apresentadas pelos professores da EJA de duas escolas Estaduais de Teixeira de Freitas, BA.

2 Linguagem: um fenômeno social e dialógico

O homem é entendido como um ser, essencialmente, de linguagem, à medida que é a partir dela que a ele se torna viável estabelecer a comunicação de forma articulada com seus pares e com o mundo. Possibilitando, ainda, na condição de sujeito falante/leitor, produtor de textos e do mundo, a construção de significações diversas, mediante suas vivências e experiências.

Ao utilizar a linguagem, o homem é capaz de exteriorizar seu pensamento, realizar suas ações, e atuar sobre seu interlocutor e sobre o meio em que se encontra, utilizando sua inteligência abstrata, manipulando a linguagem simbólica. Concebida, portanto, no espaço da interação humana, a linguagem é articulada para produzir sentido, mantendo profunda relação com determinadas situações concretas de uso, em dados contextos sociais, históricos e ideológicos. Tal compreensão acerca de um instituto tão complexo como a linguagem reivindica orientações e abordagens para além de suas particularidades sistêmico-estruturais. À altura desses requisitos fundamentais encontra-se o eminente filósofo da linguagem Mikhail Mikhailovich Bakhtin, no âmbito das Ciências Humanas, considerado um dos maiores pensadores do século XX. A partir de seus trabalhos e do seu Círculo de discussões filosóficas, verifica-se a origem às bases para o desenvolvimento do pensamento bakhtiniano, marco influenciador, principalmente, dos estudos sobre o texto, o discurso e a linguagem.

Em direção às reflexões propostas pelo filósofo, entende-se que é por meio da linguagem que ao homem é proporcionado a possibilidade de apreender os sentidos das coisas e da própria vida. O homem, em meio aos movimentos dialógicos do contexto social, se apercebe no jogo contínuo em que “[...] a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2011, p. 265). Nesse processo, ao interagir com o semelhante mediado pela linguagem, o homem não só dá significado ao mundo, mas torna-se capaz de perceber a si enquanto ser no e com o mundo. Reconhece-se ser, não apenas com o outro, mas, sobretudo, enquanto ser para o outro, através do qual, torna-lhe possível significar-se a si mesmo, por meio do contínuo e necessário diálogo em sociedade.

A linguagem, nesse sentido, invoca uma abordagem intrinsecamente social e dialógica, tornando praticamente inviável a sua compreensão desvinculada do seu nicho constituinte; o espaço social. Para o filósofo russo, em todas as esferas da atividade humana, por mais diversas que sejam, constituem-se sempre relacionadas com a utilização da linguagem mediada pelo diálogo que “[...] no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal” (BAKHTIN [VOLOCHINOV], 1997, p. 123).

3 Gêneros discursivos e comunicação: uma perspectiva dialógica sobre o tema

A noção de gênero de discurso foi elaborada por Mikhail Bakhtin e consiste em um marco histórico para o tratamento dado às diversas formas linguísticas utilizadas pelos falantes/escritores para moldar seus discursos dentro dos contextos relativamente precisos de enunciação. Segundo Bakhtin “[...] falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 282). O autor, o primeiro a utilizar este termo, foi o pioneiro também a compreendê-lo em seu sentido mais amplo, referindo-se aos textos empregados nas situações cotidianas de comunicação. Para ele, portanto, os sujeitos ao se comunicarem, mediante o recurso da oralidade ou da escrita, só o fazem por meio de gêneros do discurso.

Em conformidade com as reflexões bakhtinianas, os diversos campos da atividade humana estão todos, de um modo ou de outro, vinculados ao uso da linguagem. Nesse sentido, a linguagem revela-se como mecanismo que pressupõe a prática social, em cuja realidade material, ou seja, a língua, verifica-se inegavelmente “[...] um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores” (BAKHTIN, 1997, p. 127). Destaca-se nesse processo, o enunciado, categoria apresentada por Bakhtin como sendo a unidade real da comunicação discursiva. Tal categoria ocupa lugar fundamental no processo de comunicação dos sujeitos e é ele o primordial elemento para se compreender de modo mais adequado a natureza das unidades constitutivas do sistema da língua, isto é, as palavras e orações.

Os indivíduos usuários da linguagem estão irremediavelmente imersos em um dado momento histórico, social e ideológico. E envoltos por diversificadas condições inerentes aos contextos sociais, configuram os seus diferentes modos de estarem no mundo. Movem-se, assim, enquanto sujeitos ávidos pela interlocução com seus pares, lançando-se em direção ao outro na busca constante por comungar suas ações; ou seja, estabelecer a comunicação. Nesse processo, ao ser humano é dado conhecer que não existe para si, senão na justa medida em que o é para os outros. Desse modo, os acontecimentos e práticas da vida dos sujeitos/falantes, antes de serem apreciados/avaliados por ele, são apreciados/avaliados pelos outros. Em tempo, há de se reconhecer, em certa medida, profunda similaridade entre a vida

construída pelos sujeitos e o próprio discurso proveniente do movimento interativo da comunicação, ambos destinados, em essência, à realização para/por meio dos outros.

Mediante a utilização da palavra, os sujeitos/falantes definem-se em relação aos seus outros. Todo movimento discursivo dos indivíduos é realizado em relação à coletividade. A palavra, então, é a plataforma em comum por onde embarcam o locutor e o interlocutor (BAKHTIN, 1997, p. 113). Depreende-se, assim, desse contínuo processo social vivenciado pelos sujeitos, a existência do princípio dialógico, responsável pelo surgimento da alteridade que, conforme aponta Bakhtin, estabelece a intersubjetividade como antecedente à própria subjetividade, visto que “[...] o pensamento, enquanto pensamento, nasce no pensamento do outro [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 329).

O gênero do discurso, nesse sentido, revela-se enquanto produto legítimo da própria interação social, constituindo-se como resultado das trocas sociais estabelecidas pelos indivíduos dentro de determinadas condições materiais concretas das práticas discursivas. Conforme Bakhtin (2011), esses gêneros do discurso são dados aos indivíduos quase da mesma forma que lhes é dada a língua materna, a qual dominam de forma livre. Salienta, ainda, que a língua materna, sua composição vocabular e estrutura gramatical não chegam ao conhecimento dos sujeitos a partir de suportes gramaticais doutrinários, mas de enunciações concretas ouvidas e reproduzidas por estes durante a comunicação discursiva real e viva estabelecida com as pessoas que os rodeiam (BAKHTIN, 2011).

Desse modo, o conhecimento e domínio dos gêneros discursivos destacam-se no percurso comunicativo, permeado pela interatividade entre os sujeitos, no/com o mundo e seus semelhantes, como instrumento imprescindível ao ato de comunicação social, à realização do discurso. Ante a diversidade de gêneros discursivos que se presta a mostrar as diferentes formas de expressão e condições de produção, a utilização destes, portanto, torna-se imprescindível à socialização dos indivíduos, uma vez que possibilitam a apropriação dos mecanismos e formas que dão legitimidade ao discurso, possibilitando aos sujeitos o desenvolvimento de suas habilidades comunicativas e a interação com os seus semelhantes e com o mundo.

4 A modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), assim como as diversas questões pedagógicas relacionadas à modalidade, há algum tempo vem alcançando espaço para debate, principalmente a partir das discussões levantadas nas instituições superiores de ensino, pesquisa e extensão. Trata-se de um movimento importante, pois, na medida em que se procura problematizar a realidade vivenciada nas escolas atuais e direciona-se a devida atenção – ou a possível – para os conflitos e desafios que contornam o sistema educacional no Brasil, impulsiona-se o surgimento de reflexões diversas sobre a prática, reivindicando novas formas de conceber o ensino.

A modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos constitui-se numa instância educacional em um país cujas dívidas sociais são inúmeras com a grande maioria de sua população e se encontra atravessada por fortes contradições latentes ao modelo educacional atual. Segundo Leôncio Soares, chegamos ao século XXI e os dados sobre a EJA são alarmantes (2004, p. 26). No Brasil, a EJA a princípio institui-se em caráter emergencial a fim de erradicar o analfabetismo, destinando-se a fornecer aos educandos a instrução primária, não recebida nas idades próprias (CEARON, 2011). Ainda hoje, revela fortes vínculos com suas antigas concepções, fomentadas nas décadas de 1960 e 1970, além de absorver pretensões contemporâneas ligadas à formação profissional ou preparação para o mercado de trabalho. Em meio a esta complexidade de fatores de ordem política e sociocultural, a EJA vem movendo-se lentamente rumo ao propósito social que diz respeito à possibilidade de

acesso à escolarização por todos os educandos jovens e adultos pertencentes às camadas excluídas que se inserem nesta modalidade de ensino.

Vale salientar que tal modalidade de ensino, quando vista para além de uma instância formativa do cunho instrumental ou mercadológico, revela-se constituída de dimensões complexas e multifacetadas que ganham maior realce, sobretudo, quando observadas as devidas considerações acerca do campo curricular para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos, bem como as profundas marcas oriundas das experiências de educação popular presentes na EJA em todo o país, tornando-a divergente da modalidade de ensino convencional. A EJA, nessa perspectiva, mostra-se portadora de relevância e significado ainda maiores que a situação do ensino regular. Conforme Miguel Arroyo,

A educação de jovens e adultos - EJA – tem sua história muito mais tensa do que a história da educação básica. Nela se cruzaram e cruzam interesses menos consensuais do que na educação da infância e da adolescência, sobretudo quando os jovens e adultos são trabalhadores, pobres, negros, subempregados, oprimidos, excluídos (2001, p.10).

O autor, em suas reflexões, deixa claro o perfil histórico da Educação de Jovens e Adultos, modalidade que contempla uma realidade peculiar, reunindo, em sua maioria, educandos pertencentes a grupos sociais, geralmente de baixo potencial econômico, portadores de conhecimentos e experiências que são refratárias e refratantes de realidades sociais de suas comunidades. De acordo com o pensamento de Arroyo, a “[...] história oficial da EJA se confunde com a história do lugar social reservado aos setores populares. É uma modalidade do trato dado pelas elites aos adultos populares” (2001, p.10), ou seja, a realidade vivida pelos jovens e adultos foi e continua sendo radicalmente uma realidade excludente. Ademais, vale ressaltar que “Não é a EJA que ficou à margem ou paralela aos ensinamentos nos cursos regulares: é a condição existencial de jovens e adultos que os condena a essa marginalidade e exclusão” (ARROYO, 2001, p.16).

Nesse sentido, a reflexão acerca da modalidade de ensino EJA não se pode furtar ao conhecimento de sua realidade social, tão pouco lhe é permitido encobrir ou apagar os traços sócio históricos de seus assistidos; os jovens e adultos excluídos. Ao contrário, à modalidade cabe procurar manter presente e viva a consciência dessa mesma realidade, das condições sociais dos educandos, para, assim, aspirar a dimensões mais humanas que são fundamentais para as experiências da Educação de Jovens e Adultos. É preciso, ainda, considerar que a EJA é uma modalidade que preserva as marcas de uma herança de luta popular e traz consigo o legado da busca por uma concepção moderna de educação como direito humano.

5 Resultados e discussão dos dados: as concepções de linguagem, língua e de gênero discursivos/textuais dos educadores da EJA da Rede Estadual de Teixeira de Freitas, BA

Almejando contemplar os objetivos propostos para a pesquisa, os dados coletados mediante as entrevistas foram analisados a fim de: i) perceber quais as concepções de linguagem, de língua e de gênero discursivos permeiam o trabalho dos educadores com a leitura e a produção textual; ii) Descrever quais são os gêneros comumente selecionados pelos educadores para o ensino de língua materna no Tempo Formativo III – Eixo VI; iii) Analisar quais são os critérios utilizados pelos educadores na seleção dos gêneros a serem trabalhados na EJA e quais os objetivos do estudo dos gêneros discursivos escolhidos. Assim, o presente estudo considerou os relatos proferidos pelos três participantes nas entrevistas, a partir dos quais foi possível estabelecer alguns contrapontos com autores que se dedicaram ao estudo dessas categorias, deixando valiosas contribuições ao ensino de língua, tendo em vista o viés da interação, da dialética. Por fim, buscou-se, consoante autores como Bakhtin (1997; 2011),

Bazerman (2006), Bronckart (1999), Marcuschi (2005), Rodrigues (2005), dentre outros que tratam dos gêneros discursivos/textuais, analisar os direcionamentos dados pelos educadores ao estudo da língua e da linguagem, considerando os gêneros do discurso como manifestações organizadas nas/para as atividades humanas, das experiências com o funcionamento da linguagem.

De acordo com a análise dos depoimentos dos educadores, foi possível observar nos discursos dos mesmos a predominância de uma perspectiva interativa da linguagem, manifesta na preocupação em descrever atividades realizadas nas turmas de EJA que denotassem o seu posicionamento teórico-linguístico, sinalizando compreender a linguagem em suas práticas como lugar de ação ou interação dos sujeitos, a saber: **P01** “O domínio da língua materna como instrumento de atuação na sociedade.”; **P02** “Permitir que o educando perceba a importância dos textos em sua prática social [...]”; **P02** “Ser capaz de compreender os que circulam socialmente e de encontrar na literatura o prazer de ler o desejo de exprimir seus sentimentos [...]”.

Os depoimentos de **P01** e **P02**, ao mencionarem os objetivos estabelecidos para o trabalho com os gêneros discursivos nas turmas de EJA, revelam suas concepções acerca da linguagem, da língua, dos gêneros discursivos/textuais, bem como dos papéis sociais desempenhados pelos educandos, sujeitos a quem se destinam as propostas de atividades elaboradas, com finalidades de desenvolver competências comunicativas. Os relatos dos educadores, no tocante ao ensino de língua materna a partir dos gêneros textuais, denotam uma visão que leva em conta os aspectos sociais e históricos que permeiam a linguagem e a língua. A perspectiva observada refrata-se no trabalho realizado com os educandos, uma vez que passam a ser compreendidos como sujeitos que ocupam determinados lugares sociais, considerando, portanto, as diferentes situações comunicativas às quais os educandos estão expostos. Nota-se, nos depoimentos dos educadores, uma concepção de linguagem para além da representação ou expressão do pensamento ou meio pelo qual é possível externar os sentimentos dos sujeitos e transmitir informações.

A análise dos depoimentos e das atividades mencionadas sugere uma concepção de linguagem que pressupõe as atuações dos sujeitos/educandos sobre o meio ao qual estão vinculados; a capacidade de participarem ativamente de dadas situações comunicativas, atuando uns com os outros, através da linguagem. Concepção esta, que é subjacente aos objetivos apresentados pelos educadores para o trabalho com os gêneros, qual seja; o de “Permitir que o educando perceba a importância dos textos em sua prática social; Ser capaz de compreender os que circulam socialmente [...]” **P02**, vislumbrando, dessa maneira, a aquisição de “O domínio da língua materna como instrumento de atuação na sociedade.” **P01**; ou “Promover a compreensão dos gêneros textuais e sua importância para situações comunicativas; Produzir textos como base nos gêneros estudados; Incentivar a leitura e o gosto por textos diversificados” **P03**.

Alinhada à concepção de linguagem mencionada, identificou-se uma concepção de língua como atividade social, subsidiária aos procedimentos metodológicos, critérios de seleção e objetivos informados para o trabalho com os gêneros do discurso, como se pode perceber na fala de **P01**, a seguir, ao descrever o trabalho com os gêneros discursivos na EJA:

A partir do bilhete (gênero usado no cotidiano) para carta pessoal, biografia, jornalísticos. Parto da construção mais simples para a complexa, acreditando que, dessa forma, torna-se mais fácil o contato com a língua e as formas linguísticas usadas pelo sujeito social. [...] Estou trabalhando no momento com gêneros jornalísticos: reportagens, entrevistas, coluna social, carta do leitor, [...] percebo que o contato como jornal é importante e facilitador para a produção escrita, discussões, e escolhas das modalidades trabalhadas, ou seja, do concreto/abstrato/concreto. **P01**.

A análise revelou uma preocupação dos educadores da EJA em apresentar objetivos que visam à formação dos educandos, reconhecendo-os como participantes ativos na construção do conhecimento e das práticas discursivas. Nota-se, de modo geral, o enfoque ao pensamento nas/sobre as práticas diversas da língua, das quais também são partícipes os educandos, escritores/falantes. Embora seja conhecido o acalorado debate em torno das discrepâncias entre as noções de gêneros do discurso e de gêneros textuais, optou-se neste trabalho por não discutir o mérito da questão. Sem se preocupar em estabelecer rigidamente distinções entre os termos, utilizou-se, em grande parte do trabalho, o termo gênero discursivo, que, entretanto, não figura, majoritariamente, nos documentos oficiais que tratam do ensino de Língua Portuguesa. Ademais, nos depoimentos coletados figuraram tanto os termos gênero textual e/ou gênero de texto, quanto gênero do discurso e/ou discursivo, o que pode estar relacionado com a própria inconsistência terminológica por parte de muitos estudiosos e documentos oficiais que não diferenciam discurso e texto.

No que tange à concepção de gênero do discurso apresentada pelos educadores da EJA, verificou-se a existência uma perspectiva predominante nos discursos dos três participantes da pesquisa ao mencionarem os critérios de escolha dos gêneros discursivos; todos afirmaram que realizam a seleção dos gêneros levando em conta as necessidades dos educandos: “Uso desses gêneros na prática cotidiana dos alunos...” **P01**; “Exigências do cotidiano; Compreensão / Interação com o mundo[...] **P01**; “Introdução à Literatura. Textos ligados a necessidades imediatas dos educandos: abaixo-assinado carta de reclamação/solicitação, currículo, o tipo de texto cobrado em exames [...]” **P02**; “Textos vivenciados no dia-a-dia do educando, [...] As necessidades do educando; Introdução à literatura” **P03**.

Os relatos dos educadores revelam uma noção importante no que diz respeito ao trabalho com os gêneros do discurso, pois deixam transparecer a preocupação em considerar as manifestações linguísticas padronizadas, ou seja, os gêneros discursivos, como entidades que estão presentes no cotidiano dos seus educandos, reconhecendo a inserção destas formas linguísticas nas diversas esferas sociais. Assim, entendem como sendo pertinente um trabalho com os gêneros discursivos, tomando-os como ponto de partida para o ensino de língua materna. As falas dos educadores sobre como organizam o trabalho com os gêneros na EJA denotam o entendimento das funções sociais atribuídas aos diversos gêneros, a partir das quais tais formas passam a ser consideradas indispensáveis para a comunicação social dos falantes/escritores. Observou-se determinado esforço em trabalhar os conteúdos relacionados às práticas de linguagem, a partir das necessidades apresentadas pelos educandos. Foi possível perceber a partir das falas dos educadores que priorizam os gêneros discursivos/textuais dando ênfase àqueles dos domínios discursivos literário e jornalístico, em função da circulação social dos mesmos.

De acordo com a análise, os seguintes gêneros foram mencionados como ferramentas para o trabalho com língua materna nas turmas de EJA: epistolar; narrativo (sic); jornalístico; literário; carta pessoal; biografia; reportagem; entrevista; coluna social; carta do leitor, foram citados pelo participante 01; gêneros jornalísticos e literários; abaixo-assinado; carta de reclamação; carta solicitação; currículo; poemas; contos; cônicas e novela, pelo participante 02; e gênero jornalístico e literário. (no literário costume enfatizar contos e romances), foram citados pelo participante 03.

Analisando os gêneros mencionados pelos educadores, de acordo com a perspectiva das tipologias propostas por Dolz e Schneuwly (2004), que leva em conta as capacidades de linguagem dominantes dos indivíduos, é possível notar a recorrência dos gêneros pertencentes ao domínio literário: conto, crônica, novela, romance, biografia, que, por sua vez, estão relacionados à capacidade de linguagem de **NARRAR**. Observa-se, também, a recorrência de gêneros ligados ao domínio jornalístico, cuja produção e compreensão estão relacionadas à

capacidade de **ARGUMENTAR**. Gêneros que, geralmente, se referem à discussão de problemas sociais, e exigem a sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição: carta de reclamação, carta de solicitação, reportagem, carta de leitor, abaixo-assinado. Há, ainda, outros gêneros mencionados como o currículo, gênero ligado à capacidade de **RELATAR**; o texto poético, pertencente ao domínio literário; gêneros epistolares, coluna social, bilhete e carta pessoal.

Destaca-se que o trabalho envolvendo os gêneros discursivos na EJA não consiste em uma seleção limitada ou aleatória dos gêneros discursivos, tampouco a escolha dos gêneros é realizada por meio de um procedimento único, ignorando características específicas dos diferentes gêneros. Ao contrário, verificou-se que há empenho por parte de todos os professores em selecionar os gêneros discursivos/textuais para o ensino de língua materna na EJA, na tentativa de promover o contato dos educandos com a diversidade textual que circula socialmente. Nesse processo de seleção, os educadores consideram os elementos que caracterizam cada gênero e a função social que desempenham, dando prioridade para a utilização de gêneros próximos das práticas discursivas dos educandos. Salienta-se que tal postura é importante, pois pode servir para aproximar os educandos do estudo da língua, diminuindo as chances de provocar experiências negativas e/ou de exclusão no processo ensino aprendizagem da leitura e da escrita. Assim, de uma maneira positiva, podem oportunizar a construção de leituras do mundo, de descobertas pessoais, que encontrem em meio ao mundo das palavras e dos discursos o lugar da subjetividade dos educandos da EJA.

Conclusão

O estudo revelou que os educadores da EJA, pertencentes às instituições estaduais de ensino pesquisadas, concebem linguagem, língua e gênero do discurso como manifestações históricas, ligadas à vida cultural e social. No caso dos gêneros do discurso, estes são entendidos como formas linguísticas padronizadas, constituídas pela ligação com as situações sociais de interação. Verificou-se, que há uma predominância pela escolha dos gêneros relacionados com os domínios discursivos literário e jornalístico, e, geralmente, envolvendo as tipologias narrativa e argumentativa. Identificou-se que os educadores levam em consideração as necessidades sociais dos educandos ao selecionar os gêneros para o trabalho com a língua materna e que os objetivos são propostos em consonância com o desenvolvimento das capacidades comunicativas dos educandos, ou seja; permitir que eles percebam a importância dos textos em suas práticas sociais; capacitar o educando da EJA a compreender os textos/discursos que circulam socialmente e de encontrar na literatura o prazer de ler e o desejo de exprimir seus sentimentos.

As concepções de linguagem, língua e gêneros do discurso, apreendidas a partir dos procedimentos metodológicos mencionados pelos educadores, sustentam as abordagens dos gêneros discursivos/textuais na EJA, de modo a subsidiar o ensino de língua materna, considerando o viés da interação e as necessidades dos educandos ligadas às práticas sociais comunicativas. Os educadores da EJA mostraram-se comprometidos com o ensino de língua materna, a partir dos gêneros do discurso e que buscam, por meio de atividades com gêneros variados, contribuir com o desenvolvimento de competências comunicativas dos educandos jovens e adultos. Todavia, vale salientar que, em razão da limitação imposta pelos objetivos deste trabalho, não foi possível verificar se os procedimentos metodológicos mencionados pelos educadores constituíram-se em propostas efetivamente significativas para os educandos, ou se realmente atingiram os objetivos estabelecidos, se geraram os resultados esperados.

Por fim, entende-se que, a partir das concepções presentes nos procedimentos e atividades mencionadas pelos educadores, o trabalho com os diferentes gêneros discursivos e com questões relacionadas à linguagem na EJA exige um olhar atento e uma postura reflexiva por parte do educador. Figura esta, a quem, de modo especial, torna-se fundamental engajar-

se na realização de um trabalho que se constitua em significativa contribuição ao processo de aquisição das competências comunicativas dos educandos jovens e adultos e que favoreça a descoberta destes como sujeitos produtores e (re)produtores de textos/discursos; como indivíduos capazes de tomar, por meio da palavra, escrita ou falada, suas próprias decisões, reconhecendo-se e atuando como cidadãos.

Referências Bibliográficas

- 1] ARROYO, M. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In.: **Alfabetização e cidadania**: Revista de Educação de jovens e adultos. n. 11, abril de 2001.
- 2] _____. **Educação de jovens e adultos**: um campo de direitos e responsabilidade pública. In.: GOMES, N. L.; GIOVANETTI, M. A. G. de C.; SOARES, L. Diálogos na educação de jovens e adultos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- 3] BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- 4] BAKHTIN, M. / VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- 5] BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2006.
- 6] BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC, 2001.
- 7] BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. de A.R. Machado e P. Cunha. São Paulo: Educ., 1999.
- 8] CEARON, N. M. **PRAJA - Programa de Educação de Jovens e Adultos** – visão do aluno: uma experiência no extremo sul da Bahia. Salvador: Eduneb, 2011.
- 9] DOLZ, J. & SHNEUWULY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para uma reflexão sobre uma experiência suíça (francófona). DOLZ & SHNEUWULY (Orgs) **Gêneros Orais e Escritos na Escola**. Mercado de Letras, São Paulo, 2004.
- 10] MARCUSHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In.: BEZERRA, Maria Auxiliadora, DIONISIO, A. P., MACHADO, A. R. (orgs.). Gêneros textuais e ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- 11] _____. **Gêneros Textuais, Mídia e Ensino de Língua**. São Paulo: Cortez, 2002.
- 12] RODRIGUES, R. H. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem**: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L., BONINI, A. e MOTTA-ROTH, D. (orgs.). Gêneros: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- 13] SOARES, L. J. G. **O surgimento dos Fóruns de EJA no Brasil**: articular, socializar e intervir. In: RAAAB, alfabetização e Cidadania – políticas Públicas e EJA. Revista de EJA, n.17, maio de 2004.

ⁱ Autor

Tiago Pereira Aguiar SUSMICKAT, mestrando em Letras.
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
E-mail: tiago.aguiar10@hotmail.com